

## *EIDOS - TÉCHNE - ΤΕΚΤÓN*

HENRIQUE MURACHCO

O título original desta comunicação, como o deste encontro interdisciplinar, era *Τέχνη*, isto é, “Arte” em todos os seus enfoques. Mas isto nos levaria a uma ou a várias análises sincrônicas, que são válidas na medida em que ampliam nossa visão do problema, mas nos deixam na superfície, carentes de uma visão profunda que chegue às origens.

É nesse sentido que vamos encaminhar nossa apresentação.

Vamos rastrear o significado de *τέχνη – εἶδος* começando pelo seu étimo e percorrendo o seu uso nos textos essenciais e mais antigos em língua grega, que são os textos de Homero e dos Pré-Socráticos.

Começemos por *εἶδος*.

A etimologia nos diz que vem da raiz indo-européia *weid>εἶδ>ιδεῖν* com o significado de “ver com a mente” e não “pousar os olhos em”. Em grego apresenta-se de três formas: com vocalismo zero, que é a forma do aoristo (pontualidade da ação), de onde deriva a palavra *ιδέα*, que é um substantivo aoristo; com vocalismo -o- do perfeito *οἶδα* de significado resultativo: “eu sei por ter visto”, curiosamente só no indicativo; e, finalmente, com o vocalismo -ε- do tema nominal *εἶδεσ-* – derivado do presente – infectum *εἶδεσθαι*: “aparecer, parecer, dar ou ter a aparência de, parecer com”. O substantivo *εἶδος* significa o conceito da ação e é um substantivo *infectum* por oposição a *ιδέα*, substantivo aoristo. A tradução mais coerente dessa palavra deriva da tradução latina “species” – “aspecto exterior (visível com os olhos da mente), forma própria de algo, aparência”, daí “beleza”, e em latim “forma”, de onde temos os derivados “formoso, formosura”.

---

Henrique Graciano Murachco é professor de Língua Grega na Universidade de São Paulo.

Rastreando a freqüência de *εἶδος* em Homero, Hesíodo e nos Pré-Socráticos, em cerca de cinqüenta ocorrências (impossível citá-las todas aqui dada a exigüidade de tempo), vamos destacar apenas algumas, mais representativas.

Assim: *aparência, aspecto – forma – formosura*

*Ilíada* XVII,

279 – Αἴας ὃς πέρι μὲν εἶδος, πέρι δ᾽ ἔργα  
τέτυκτο τῶν ἄλλων Δαναῶν

Ajax, que tanto ao *aspecto* quanto em relação às obras superava os outros dânaos

Ou em *Odisséia* VIII

116 – Ναυβολίδης θ ὃς ἄριστος ἔη εἶδος  
τε δέμας τε πάντων Φαίάκων

Naubolides, que era o melhor de todos os Feácios de *aspecto* e de corpo

*Ilíada* II

715 – \* Ἀλκεστις Πηῆστορι δίω εἶδος τε  
μεγεθός τε φυὴν ἰταγχίστα ἔακει.

...o Sonho, ao divino Nestor se assemelhava muito em *forma*, *aparência*, tamanho e estatura (porte físico)

*Odisséia* VI

16 – ...ἄθανάτησι φυὴν καὶ εἶδος ὁμοίη  
Ναυσικάα.

...às imortais, em porte e *formosura* (*aspecto*) Nausícaa semelhante (era)

Mas, em *Empédocles*, Diels-Kranz, I, 321, 10, pg. 134

...ὡς δ' ὁπότεν γραφῆες ἀναθήματα ποικί  
λλωσιν ἀνέρες ἀμφὶ τέχνης ὑπὸ μήτιος  
εὖ δεδαῶτες ἐκ τῶν εἶδεα πᾶσι ἄλιγκια  
πορσύνουσι δένδρεα τε κτίζοντες καὶ  
ἀνέρας ἠδὲ γυναῖκας.

...como quando pintores representam em várias cores oferendas aos deuses, homens que aprenderam pelo talento sobre a arte dessas cores; eles preparam (compõem) *formas* semelhantes a todas as coisas construindo árvores e homens e mulheres.

Aqui, instruídos pelo talento sobre a arte, isto é, *unindo engenho e arte*, na expressão camoniana, eles extraem, das variedades de cores, as εἶδεα – *formas*, de árvores, mulheres, homens.

O mesmo *Empédocles*, Diels-Kranz, I, 338, 12, (p. 252):

ὡς δὲ τότε χθονᾶ Κύπρις ἐπεὶ κεδίηνεν  
ἐν' ὄμβρῳ εἶδεᾶ ποιπτίνουσα θοῶ πυρὶ  
δῶκε κρατῦναι

...como então Kýpris, depois que molhou a terra com a chuva, confeccionando *formas*, entregou-as ao célere fogo para endurecer.

Kýpris (Afrodite) confecciona formas de barro e as dá ao fogo para endurecê-las. Qual é o processo de que ela se serve? Não é o mesmo que se encontra no *Crátilo* (386 e 8)?

ἢ οὐ καὶ αὐταὶ ἐν τι εἶδος τῶν ὄντων  
εἰσιν, αἱ πράξεις;

...então, essas ações não são uma certa *parecença* (forma) das coisas que são?

Em *Crátilo*, 388 c 3, ainda:

Σ – Τῶ τίνος οὖν ἔργῳ ὁ ὑφάντης  
καλῶς χρήσεται ὅταν τῆ  
κερδίδι χρῆται;

Η – Τῶ τοῦ τέκτονος.

Σ – Πᾶς δὲ τέκτων ἐστὶν ἢ ὁ τὴν  
τέχνην ἔχων;

Η – Ὁ τὴν τέχνην.

Σ – Τῶ τίνος δὲ ἔργῳ ὁ τρυπητής  
καλῶς χρήσεται ὅταν τῷ  
τρυπῶνι χρῆται;

Η – Τῶ τοῦ χαλκέως.

Σ – Ἄρ οὖν πᾶς χαλκεὺς ἢ ὁ τὴν  
τέχνην ἔχων;

Η – Ὁ τὴν τέχνην.

S – Pois bem, do trabalho de quem se servirá bem o tece-lão quando usa a lançadeira?

H – Do trabalho do marceneiro.

S – *E marceneiro é todo o que tem a arte* (habilidade)?

H – *O que tem a arte* (habilidade).

S – E do trabalho de quem o furador se servirá bem quando usar a furadeira?

H – Do trabalho do ferreiro.

S – *Será que é todo ferreiro ou o que tem a arte?*

H – *O que tem a arte.*

E *Crátilo*, 389 a 10:

Σ – Ποῖ βλέπων ὁ τέκτων τὴν  
κερκίδα ποιεῖ; ἄρου πρὸς  
τοιούτων τι ὁ πέφυκε κερκί  
ζειν;

S – E olhando para onde o marceneiro faz a lançadeira? Será que não é para *alguma coisa desse tipo que nasceu para ser lançadeira?*

H – Πάνυ γε.

Σ – Τί δαί; ἄν καταγῆ αὐτῶ ἢ κερκίς ποιούντι πότερον πάλιν ποιήσει ἄλλην πρὸς τὴν κατεαγυῖαν βλέπων ἢ πρὸς ἐκεῖνο τὸ εἶδος πρὸς ὅπερ καὶ ἦν κατέαξεν ἐποίει;

H – Πρὸς ἐκεῖνο, ἔμοιγε δοκεῖ.

Σ – Οὐκοῦν ἐκεῖνο εἶδος δικαίότατ' ἄν αὐτὸ ὃ ἐστι κερκίς καλέσαιμεν;

H – Ἐμοιγε δοκεῖ.

Σ – Οὐκοῦν ἐπειδὴν δέη λεπτῶ ἵματιῷ ἢ παχεῖ ἢ λιγῶ ἢ ἑρεῶ ἢ ὀποιῶσιν τιμι κερκίδα ποιεῖν πάσας μὲν δεῖ τὸ τῆς κερκίδος ἔχειν εἶδος.

H – É claro.

S – O que é então? Se para o que estiver fazendo a lançadeira ela se quebrar, acaso ele novamente fará outra *olhando para a que se quebrou* ou *para aquela visão* exatamente para a que olhou a que fazia e quebrou?

H – Para aquela visão, pelo menos me parece.

S – Não é então aquela forma por acaso a mesma que com muita justeza chamamos lançadeira?

H – A mim pelo menos me parece.

S – Então quando for preciso fazer alguma lançadeira para um manto leve ou pesado ou de linho ou de lã ou para que qualquer que seja o tipo, *é preciso que todas as lançadeiras tenham a forma de lançadeira?*

Ou *Crátilo*, 389 c 27:

Σ – Τρύπανον πεφυκὸς εἶς τὸν σίδηρον δεῖ ἐπίστασθαι τιθέναι.

H – Πάνυγε.

Σ – Καὶ τὴν φύσει κερκίδα ἐκάστω πεφυκυῖαν εἰς τὸ ξύλον.

Σ – Φύσει γὰρ ἦν ἐκάστω εἶδει ὑφάσματος, ὡς ἔοικεν, ἐκάστη κερκίς καὶ τᾶλλ' οὕτω.

S – Pois o que nasceu furadeira (sendo furadeira de nascença) é preciso colocar *no ferro*.

H – É evidente.

S – E a lançadeira por natureza nascida para cada tecido é preciso colocar na madeira... pois, como parece, cada lançadeira por natureza era para cada forma de tecido, e assim também as outras.

Finalmente, *Crátilo*, 390 b 50:

Σ – Τίς οὖν ὁ γνωσόμενος εἰ τὸ προσήκον εἶδος κερκίδος ἐν ὀποιωοῦν ξύλῳ κεῖται; ὁ ποιήσας, ὁ τέκτων, ἢ ὁ χρησόμενος, ὁ ὑφάωντης;  
 Η – Εἰκὸς ... τὸν Χρησόμενον.

S – Quem é, então, o que saberá se a forma conveniente de lançadeira repousa *em uma madeira qualquer*? O *que fez, o marceneiro*, ou aquele que usará, o tecelão?  
 Η – É natural que...o que usará.

Nas passagens acima, podemos destacar as perguntas: se é marceneiro aquele que tem a arte-habilidade ou se ferreiro é aquele que tem a arte-habilidade.

Isto revela que não basta ter o *εἶδος*, isto é, a forma vista com os olhos da mente do marceneiro ou do ferreiro; é preciso que o marceneiro ou o ferreiro tenham a arte-habilidade – *τέχνη* – para colocar no ferro ou na madeira, a furadeira ou a lançadeira. Isto nos leva a discutir agora o que é *τέχνη*.

*Τέχνη* é, antes de tudo, a posse prática de processos necessários para executar este ou aquele ato; é a habilidade prática, manual ou a habilidade potencial que chamam de *talento*. Deste significado derivam outros por metáfora ou metonímia: conhecimento dos meios, articulação desses meios, expedientes, habilidade, artifícios, artimanhas e até ofício e atividade. Mas não é o engenho; é um *aprendizado*, como diz *Demócrito* B, 59 (Diels-Kranz II,157,16):

Οὔτε τέχνη οὔτε σοφίη ἐφικτόν ἦν μὴ μόθη τις.

...nem a arte nem a sabedoria são coisa acessível se não se aprende.

*Protágoras* também B, 10 (Diels-Kranz II,268,12):

Πρ. ἔλεγε μηδὲν εἶναι μήτε τέχνην ὄνευ μελέτης μήτε μελέτην ὄνευ τέχνης.

Protágoras dizia nada serem nem a arte sem estudo nem o estudo sem a arte.

No mito de *Prometeu* (*Protágoras*, 320), Protágoras diz:

ἡ δὲ δημιουργιγὴ τέχνη πρὸς μὲν τροφήν  
ἱκανὴ βόηθος ἦν... πρὸς δὲ τὸν τῶν θηρί-  
ων πόλεμον ἐνδεής... πολιτικὴν γὰρ τέ-  
χνην οὐπω εἶχον ἧς μέρος πολεμικῆ...

a habilidade artesanal era ajuda suficiente para a alimentação... mas para a guerra contra os animais era precária... pois não tinham ainda a habilidade política de que a habilidade guerreira é parte...

Demócrito, novamente, afirma que a arte, habilidade manual, se adquire para a utilidade da vida comum.

B,51 (Diels-Kranz II,136,11):

γνωσθέντος δὲ τοῦ πυρὸς καὶ τῶν ἄλλων  
τῶν χρησίμων κατὰ μικρὸν καὶ τὰς τέχνας  
εὐρεθῆναι καὶ ἄλλα τὰ δυνάμενα τὸν  
κοινὸν βίον ὠφελῆσαι.

Conhecido o fogo e as outras coisas de utilidade, aos poucos não só as artes foram descobertas mas também as outras coisas que podem ajudar a vida comum.

E ainda (Diels-Kranz, II,137,37):

οἱ τότε δὲ ἀνθρώπων ἀπλότητος καὶ ἀπειρία  
ἀς ἀνάμεστοι οὐδεμίαν οὔτε τέχνην οὔ-  
τε γεωργίαν...

... os dentre os homens de então repletos de ingenuidade e inexperiência (não tinham) nem habilidade nem o *cultivo da terra*. A agricultura não é uma arte!

Para *Górgias*, B11 (Diels-Kranz II, 292,9) também é habilidade:

εἰς λόγος πολὺν ὄχλον ἔτερψε καὶ ἔπεισε  
τέχνη γραφεῖς οὐκ ἀληθείᾳ λεχθεῖς.

...um só discurso encanta e persuade numerosa multidão, escrito com *habilidade* e não com verdade dito.

Também em *Homero* é habilidade em fazer alguma coisa, na *Odisseia* VII,110:

...ὡς γυναῖκας ἴστων τεχνῆσαι.

...como mulheres fabricaram com *habilidade* a vela.

E *Odisseia* V, 270

αὐτὸρ ὁ πηδαλίω ἰθύνετο τεχνήεντως ἦ-  
μενος.

e ele sentado dirigia *habilmente* o timão.

Ou o artifício, artimanha em *Odisséia* IV, 529:

<p>Αὐτίκα δ' Αἴγισθος δολίην ἐφρόσατο τέ χνην.</p>	<p>Imediatamente Egisto pensou um artima- nha dolosa.</p>
--	---

E não poderia deixar de citar o episódio do flagrante de adultério de Ares e Afrodite, preparado por Hefesto. Hefesto foi informado dos encontros fortuitos de Ares e Afrodite na sua própria cama, e preparou-lhes uma cilada. Mas antes, fez espalhar que iria se ausentar por alguns dias e confeccionou uma armadilha, uma espécie de laço ou rede sobre a cama. E quando os dois adúlteros se deitaram (*Odisséia* VIII, 296)

<p>ὠφί δὲ δεσμοὶ τεχνήεντες ἔχυντο πολὺ φρονός Ἡφαίστου</p>	<p>...em volta (dos dois) laços do engenhoso Hefesto deslizaram, habilmente feitos e, como sói acontecer.</p>
---	---

E *Odisséia* VIII, 326:

<p>...ἐνῶρτο γέλωσ μακόμεσσι θεοῖσιν τέ χνας εἰορῶσι πολύφρονος Ἡφαίστου.</p>	<p>...levantou-se uma risada entre os bem- aventurados deuses ao contemplarem as artes do engenhoso Hefesto.</p>
---	--

Esses exemplos dentre os cerca de cinqüenta que recolhi em Homero, Hesíodo e nos Pré-Socráticos nos revelam a correção das definições iniciais. A *τέχνη* é, de início, uma habilidade manual, e depois, por metáfora e metonímia, qualquer habilidade: é a de Hefesto, de Górgias, de Atena, do piloto, e do artesão, do marceneiro no Crátilo que introduz na madeira o *εἶδος* da lançadeira e do ferreiro, que introduz no ferro o *εἶδος* da furadeira. E perguntaríamos como Sócrates: “e servindo-se do quê o *Τέκτων*, marceneiro ou ferreiro, introduz as formas (*εἶδη*) da lançadeira e da furadeira?”

Servindo-se da habilidade, *τέχνη*, com certeza.

Mas, e aqui entra o terceiro elemento, esse homem é o *τέκτων*, como acabamos de ver nas passagens citadas do *Crátilo*. Quem tem a capacidade de criar o *εἶδος* é o *τέκτων* e a *τέχνη* é o meio de transformar esse *εἶδος* – visão, forma em objeto, isto é, no que dizemos “obra de arte”. O *τέκτων* é, então, o que possui a *τέχνη*, a habilidade.

Creemos que aí está implícita a idéia de que o *εἶδος* não é a representação de algo que existe na natureza e por isso serve de modelo ou paradigma.

As mulheres que confeccionam com arte uma vela não criam nada, mas o *τέκτων* que “põe a lançadeira na madeira” parte de um *εἶδος*, isto é, de uma “visão mental”. Ele cria o modelo e o transforma pela *τέχνη* em objeto que o tecelão reconhece e aprova. Então, na medida em que é a *τέχνη*, *habilidade, saber fazer, ofício* que propicia ao *τέκτων* executar a tarefa de pôr o *εἶδος* na matéria (madeira, bronze, etc.), a *τέχνη* é o caminho, a via, o *μέθοδος* para ele chegar à obra de arte, que é o objeto produzido.

Mas qual é a verdadeira arte? Esse conhecimento por *τέχνη* implica em que o sujeito construa aquilo que será a verdade da própria obra, como diz Aristóteles (*Ét. Nic.*, 1103<sup>a</sup>32,33):

*Para conhecer as coisas que queremos fazer é preciso fazer as coisas que queremos saber.*

E como sugere Elliot:

*O poeta não sabe o que quer dizer até que o tenha dito*

ou como Pareison:

*A arte é um fazer tal que enquanto faz inventa o modo de fazer.*

Aqui entrariam algumas considerações sobre *τέχνη* e *ἐνθεος εἶναι* que Sócrates discute com Íon.

Finalizando em forma de pergunta: a *τέχνη*, enquanto fazer inventivo, não seria o *ἔργον* que visa o bem porque é movida pelas *ἐνέργειαι δυνάμεις* que estão no *ἦθος* de cada um? A *τέχνη*, então, necessariamente, seria uma ética.

A leitura do Livro VI, 4, 2-6 da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, pode sugerir isso.

Coisa diferente é criação e ação. (Nós tratamos delas nos nossos escritos exotéricos). De modo que também a disposição ativa com razão é algo diferente da disposição criativa com razão. Por isso, nem mesmo elas se contêm mutuamente; pois nem a ação é criação nem a criação é ação. Uma vez que a construção de casas é uma certa arte e em que ela é uma certa disposição criativa com razão e nenhuma que não é uma disposição criativa com razão é arte nem uma tal que não é arte; a mesma coisa poderia ser arte e disposição criativa com razão verdadeira. E toda arte é em torno da geração e o exercer uma arte é especular de modo a que dos decorrentes nasça algo e também ser e não ser, e dos que o princípio está no que faz e não no que está sendo feito; pois a arte não é nem dos que são ou nascem por necessidade nem dos segundo a

natureza; pois essas coisas têm nelas mesmas o princípio. Uma vez que criação e ação são diferentes é forçoso a arte ser da criação e não da ação. De uma certa maneira também em torno das mesmas coisas são acaso e arte, segundo o que diz Agatão:

...arte ama acaso e acaso ama arte

Então, a arte, como está dito, é uma disposição criativa com razão verdadeira e a ausência de arte (inabilidade) é uma disposição criativa com razão falsa em torno de o decorrente ser de outro modo.

Para concluir, diremos com Aristóteles:

... o exercer uma arte é especular de modo a que dos decorrentes nasça algo...

E desse “especular” pode surgir o *εἶδος* que a *τέχνη* transforma em arte, isto é, em objeto de arte. Essa visão, contudo, não nos autoriza a pensar em arte abstrata. Aristóteles pensa em arte mimética, embora ele diga que “a arte não é nem dos que são e nascem por necessidade nem dos segundo a natureza...”. A arte, sendo uma “disposição criativa com razão verdadeira”, procura o caminho para chegar a seus fins, e ela é esse caminho, na medida em que é a habilidade, *τέχνη*.